

ACALANTO DE ROSA PALMEIRÃO: AS NARRATIVAS DE VIDA DA PERSONAGEM DE MAR MORTO EM VERSOS DE ABC

Marcelo Barbosa dos Santos¹

Andréa Betânia da Silva²

Resumo: O texto propõe uma reflexão sobre as histórias da personagem Rosa Palmeirão, da obra *Mar Morto* (1936), do escritor Jorge Amado (1912-2001), contadas ou cantadas por um griot, isto é, um símbolo da sabedoria popular: o velho Francisco, tio de Guma — protagonista da narrativa em questão — por meio do ABC, um gênero do cordel. O ABC *Acalanto de Rosa Palmeirão*, dedicado à protagonista do capítulo, permite ao leitor, a partir da recepção, conhecer um pouco das narrativas de vida dessa personagem complexa e querida por todos os homens do cais da Bahia e fazer uma leitura de seus gestos, suas posturas e performances, haja vista que, segundo o narrador onisciente da obra em estudo, ninguém pode dizer exatamente o que Rosa Palmeirão já realizou em sua vida, porque ela é uma mulher muito conhecida tanto no cais baiano quanto nos morros do Rio de Janeiro. Assim, pelo fato de conhecer outras terras e frequentar ambientes considerados propícios, em tempos de outrora, apenas ao ser masculino, tentaremos perceber se esta mulher foi alvo

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), Mestre em Letras pela UFT, Especialista em Letras, Graduado em Letras, Pedagogia e Serviço Social. Professor efetivo da Educação Básica da rede pública municipal de Palmas-TO. Atua nas linhas de pesquisa: Literatura, crítica e comparatismo e literatura, produção cultural e modos de vida. Endereço eletrônico: professormarcelobarbosa@gmail.com.

² Doutora em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia em cotutela com a Université Paris Ouest Nanterre La Défense. Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia. Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural (UNEB). Vice-líder do Grupo de Pesquisa Voz, corpo e memória na trama poética (UFBA) e membro do Núcleo das Tradições Orais e do Patrimônio Imaterial (NUTOPIA/UNEB).

de estereótipos a partir de suas atitudes e/ou condutas performáticas expressas nos versos desse ABC.

Palavras-Chave: Rosa Palmeirão. Abc. Jorge Amado.

INTRODUÇÃO

A expressão “literatura oral” foi criada e apresentada por Paul Sébillot (1843-1918) no ano de 1881 como uma arte cultural que se encontra presente na vida da população (COSTA, 2014). Isso quer dizer que ao expressar suas emoções e sentimentos, um determinado grupo social ressalta os seus valores e seus modos de vida, isto é, a sua identidade cultural por meio da arte literária. Enquanto que, o termo “literatura” significa uma mensagem expressa no campo da escrita.

Dessa forma, o vocábulo “literatura oral” passa a ser considerado contraditório porque designa produções poéticas disseminadas no campo da oralidade. Assim, essa literatura possui um caráter popular que expressa nossos valores e modos de vida. Fato que nos remete à obra do renomado autor Jorge Amado (1912-2001), que, de acordo com Câmara (2013), utilizou da linguagem da tradição oral para “colorir” suas produções de “literatura popular”, uma vez que sua criação literária descreve a memória e os modos de vida culturais dos povos baianos e brasileiros que serviram de inspiração para a criação de seus/suas personagens como Rosa Palmeirão do romance *Mar Morto* (1936), cuja trajetória de vida é narrada em versos de ABC: um gênero do cordel.

A partir da recepção, o ABC *Acalanto de Rosa Palmeirão* proporciona ao leitor conhecer as histórias de vida dessa personagem autêntica, determinada e empoderada. Além de fazer uma leitura de seus gestos, posturas e performances em lugares e/ou ambientes geográficos distintos.

Este texto tem como fonte de pesquisa as narrativas do cotidiano dessa personagem-mulher cantadas ou contadas em prosa e verso no espaço patriarcal, o cais baiano, pelo personagem senhor Francisco considerado um griot/griô: símbolo da sabedoria popular.

O recorte desta pesquisa faz parte do projeto iniciado à época do mestrado em Letras (2019-2021) em que se pesquisou os arquétipos femininos na referida narrativa com foco nas personagens Iemanjá e Rosa Palmeirão. Atualmente, o projeto de doutoramento se encontra em fase de modificações cuja proposta inicial é estudar a tradição oral na narrativa *Mar Morto* (1936), com foco nos versos de ABC de Rosa Palmeirão.

UM ACALANTO PARA ROSA PALMEIRÃO

A oralidade é o meio principal de comunicação das narrativas. Talvez seja por isso que os versos de ABC são muito utilizados pelos poetas populares do Brasil, principalmente “no Nordeste, onde a voz e o canto do povo ainda se fazem ouvir” (MATOS, 2007, p. 150). Estes versos poéticos se encontram situados entre a oralidade e a escrita. Eles saem dos limites tênues das margens do papel e se transformam em sons por meio da voz do poeta/contador de histórias, narrativas e modos de vida de inúmeras personalidades reais que deram vazão à criação e/ou construção de personagens fictícias de nossa literatura.

O capítulo *Acalanto de Rosa Palmeirão*, da narrativa *Mar Morto* (1936), do escritor Jorge Amado, apresenta as histórias de vida dessa personagem em versos de ABC cantados ou contados pelo velho Francisco, tio de Guma — protagonista da narrativa-corpus. Velho considerado um personagem poeta construído por Jorge Amado para encantar os leitores/ouvintes por meio da

performance de sua voz ao narrar os feitos heroicos dessa personagem feminina ambígua que viveu nos arredores do cais baiano e morros do Rio de Janeiro.

Este velho é considerado por Santos (2013), um griot/griô, isto é, um símbolo da sabedoria popular por espalhar a todo o cais da Bahia, por meio da oralidade, os comportamentos e os modos de vida

em prosa e verso, [sobre] Rosa Palmeirão [que] já tem abc e até os cegos do sertão cantam as suas estrepolias. Os homens do cais, que a conhecem, gostam dela e nenhum lhe nega fogo para o seu cachimbo e um largo aperto de mão. E junto de Rosa Palmeirão ninguém conta valentia (AMADO, 2012, p. 52).

Segundo o narrador onisciente, o velho Francisco visto como “um acervo vivo de um povo” (BRANDÃO, 2006, p. 36) canta/conta os feitos, as canções, as lições e/ou as histórias de vida de Rosa Palmeirão com muita magia e encantamento nas noites em que saem poucos saveiros do cais. Por mais que ele seja o melhor contador de histórias do cais baiano e aumente os fatos e os acontecimentos nas narrativas de vida dessa personagem-mulher, ele não sabe tudo o que ela realmente fez, porque ela viajava por inúmeras terras brasileiras em que deixava registrada a sua presença por meio de seus gestos, posturas e performances.

Talvez um dos motivos que fez esse griot/griô inventar histórias no ABC dessa heroína esteja atrelado ao fato de não a conhecer completamente bem. Possivelmente isso pode ter contribuído para a imagem dela ser estereotipada a “mulher-homem” quando o narrador onisciente afirma que ela “botou a navalha na saia, o punhal no peito novamente. Parece um homem em cima do Pacote Voador” (AMADO, 2012, p. 258).

A partir desses versos identificamos que a narrativa traz pistas de que pouquíssimas pessoas ousavam ser valentes diante

dela. Todavia, alguns homens insistiam em desrespeitá-la. Mas essa afronta masculina era cessada imediatamente, pois ela era uma mulher fiel, honesta e justa apesar de toda a sua ambiguidade. Logo, aquele que se aproximasse dela com intenções maliciosas era digno de dó, haja vista que, de acordo com o canto do velho Francisco:

se de dia era valente,
valente como ela só...
de noite era diferente,
dos homens ela tinha dó...
(AMADO, 2012, p. 54).

Inferimos que a imagem de Rosa Palmeirão continua nos versos acima sendo estigmatizada na figura de um homem bravo e valente que agia durante o dia, pois ao frequentar o boteco *Farol das Estrelas* “falava igual a um homem, bebia como poucos” (AMADO, 2012, p. 55).

Contudo, à noite, a sua atitude era distinta da diurna, uma vez que, “o Regime Diurno seria assim o modo corrente da representação da consciência masculina, enquanto o Regime Noturno seria o da representação feminina” (DURAND, 2012, p. 382), exemplificada no último verso da quadra acima que nos permite refletir, a partir das reticências, sobre que postura é esta adotada por Rosa que a faz sentir dó dos homens?

Ressaltamos que para compreendermos a obra de Jorge Amado, faz-se necessário estudarmos a literatura comparada que

compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe. Em síntese, a comparação, mesmo nos estudos comparados, é um meio, não um fim (CARVALHAL, 2006, p. 8).

Nesse sentido, percebemos que a Literatura comparada possui um grande espaço de atuação, pois nos oferece mais de uma orientação a ser seguida, uma vez que ela não pode ser entendida somente como sinônimo de comparação, haja vista que ela nos permite fazer uma averiguação literária correlacionando duas ou mais literaturas (CARVALHAL, 2006). É isto que tentamos estabelecer nestes escritos a partir do questionamento do parágrafo acima, que nos remete a uma entidade feminina que se manifesta nos terreiros de algumas religiões de matriz africana. Esta deusa possui o seguinte ponto: “Pombagira é mulher de Sete Maridos, não mexa com ela, ela é um perigo” (CUMINO, 2019, p. 101). Os estudos desse pesquisador sobre questões de âmbito subalternizadas nos dizem que esta entidade espiritual se relaciona e transita em distintos lugares com quem e quando quiser.

Na narrativa-corpus é perceptível a organização sexualizada dos ambientes públicos. A igreja é o local/espço das mulheres. Lá, os homens adentram apenas em seus casamentos. Os botecos/bares são frequentados por homens. As mulheres não são “bem vistas”. As que adentram assiduamente este recinto são estigmatizadas. São chamadas de promíscuas, prostitutas, mulheres “de vida fácil” e “putas”. A respeito da mulher ser taxada de “puta”, a Pombagira afirma:

Quem diz que sou ‘puta’ de forma pejorativa não me conhece, muito menos sabe o que é a vida de uma ‘puta’. Quem diz que não sou ‘puta’, [...] manifesta seu apreço, carinho ou amor e também manifesta preconceito com a ‘puta’, que pode ser a [...] ‘mulher livre’, ‘indomada’ [...]. Puta ou santa, pouco importa, sou Pombagira. Quando você olha para mim, vê apenas o que há em seu íntimo; se vê ‘puta’, está aí algo mal resolvido, se vê ‘santa’, também está mal resolvido, se vê mulher ou Deusa, sou eu, Pombagira (CUMINO, 2019, p. 59-60).

A letra do ponto da entidade mencionada acima e os versos do Acalanto de Rosa Palmeirão transmitem a força, a bravura, a valentia e a sensualidade implícita de ambas. A letra do ponto da entidade pode dizer que “Sete maridos são Sete Realidades, Sete Mistérios, Sete Exus, e não há nada de errado, Pombagira faz par com todos os Orixás e todos eles fazem par com todas as Mães Orixás” (CUMINO, 2019, p. 102).

Mas falando especificamente da *sujeita-corpus* deste texto, destacamos que a sua performance era audaciosa, determinada e destemida se considerarmos o ano de escrita, elaboração e construção tanto da personagem foco quanto da narrativa *Mar Morto* (1936) pela pena de um escritor masculino. Autor que ao tentar quebrar o tabu dando visibilidade e espaço às mulheres por meio das atitudes, posturas e atributos de Rosa Palmeirão, pode ter caído na falha de ao exaltar as suas características dando um tom cômico a seus versos de ABC, parece ter contribuído com a elaboração de estereótipos por meio das narrativas oralizadas pelo velho Francisco.

Estas questões de estereotipia nos direcionam aos estudos de Carvalho (2013) tratado no livro: *A identidade na fronteira deslizante dos estereótipos*. A teoria dessa pesquisadora nos permite inferir que a alegria, a liberdade e a altivez de Rosa Palmeirão podem ter feito Amado cair na falha de tentar ressaltar esses atributos de maneira estereotipados. Uma vez que, ao retornar após muito tempo de sua ausência ao cais baiano, essa mulher estava sentada no balcão da sala do boteco *Farol das Estrelas* “e ria muito, os braços abertos, um copo na mão” (AMADO, 2012, p. 55).

A performance das entidades femininas em transe nos rituais afroindo-brasileiros aproxima dessa descrição, haja vista que, o riso escancarado dessa entidade tem a possibilidade de espantar as

energias condensadas, de acordo com as práticas observadas nessas religiões (SANTOS, 2021). Características que, para Carvalho, são atributos estereotipados criados por um sujeito dominante que qualifica o outro como “diferente”, pondo-o numa posição de marginal. Nesse processo acontece o que

Bairrão (2002, p. 56) configura como “o subjugado dá a volta por cima. O ‘baixo’ é o alto. Honra-se o popular”. Há uma harmonia complexa entre os sentidos de todas as linhas (tipificações de formas de transe decalcadas de “modelos” sociais) e um valor de inclusão de todo o marginalizado (SOUZA, 2019, p. 57).

Nota-se que a sociedade geralmente julga as pessoas conforme as características que lhes foram preconcebidas como um meio que prevê a identidade social desses indivíduos de modo estereotipado. Essas preconcepções criam expectativas inconscientes em relação ao outro resultando na construção de uma identidade deteriorada, fundamentada na aparência e sustentada em fatores externos. O que torna o sujeito marginalizado a partir de uma visão estereotipada.

Dessa maneira, as narrativas de vida de Rosa Palmeirão continuaram a ser disseminadas por meio do discurso narrativo realizado pelo velho Francisco que o fazia cantando em uma roda com seu violão:

Rosa Palmeirão tem navalha na saia,
Tem brinco no ouvido e punhal no peito,
Não tem medo de rabo-de-arraia,
Rosa Palmeirão tem corpo bem-feito.
(AMADO, 2012, p. 52).

A força e a beleza dessa personagem são evidenciadas nos versos acima ao evocar uma imagem que se encontra associada ao desejo e ao temor que funde a poesia de seu corpo a uma valentia,

bravura e/ou coragem pertencente aos homens de um ambiente como o cais baiano que predomina a energia masculina.

A partir da pena de Amado, identificamos que todos os marinheiros conhecem a fama dessa personagem que se espalhou no mundo dos marujos por diversas ancoragens e mares distintos, deixando-os com medo da navalha e do punhal utilizados por ela. O receio que sentem do corpo dela é ainda maior, porque ela os engana bastante quando os seduz em uma noite de amor com o “corpo bem-feito [...] remexendo [...] [e] gingando como se fosse marítima também” (AMADO, 2012, p. 52), [pois] “tinha um corpo bonito e não perdeu nada ainda. Quando amava um homem era mulher como nenhuma” (AMADO, 2012, p. 54). Assim, nos versos seguintes cantados por Francisco percebemos que a valentia de Rosa Palmeirão continua sendo enaltecida:

Rosa bateu em seis soldados
Na noite de São João.
Chamaram seu delegado,
Ele disse: — Não vou lá não.
Veio toda a puliça,
Ela puxou o punhal,
Foi medonho o rebuliço,
Foi uma noite fatal.
(AMADO, 2012, p. 53).

Enfatizamos que as peripécias desta personagem bela e valente que bateu em muitos homens e pôs toda a polícia para correr continua sendo aplaudida por toda a plateia do cais baiano que se põe a ouvir o seu Francisco cantar:

Veio orde de trazer
Palmeirão ou morta ou viva...
Ela puxou a navaia,
Só se viu homem correr...
(AMADO, 2012, p. 53).

Percebemos que Rosa possui características de uma mulher forte, determinada e decidida em que o lirismo/beleza de seu corpo se une à sua coragem. Toda a valentia dessa personagem nos permite relembra e retornar ao seu passado quando ela tinha 15 anos de idade e teve um relacionamento abusivo com Rosalvo, “malandro, tocador de violão, [que viajava] de graça nos saveiros, tocando nas festas de todas as cidades do Recôncavo” (AMADO, 2012, p. 85). Dessa relação conturbada aconteceu um

fato que teve como consequência “aquele seu filho que nasceu morto [...], porque ele lhe dera aquela beberagem amarga” (AMADO, 2012, p. 85). De acordo com o narrador, quando ela soube que ele não queria aquele filho, então, se “transformou” em Rosa Palmeirão de navalha e punhal e o matou. Dessa maneira, a “fama” de mulher valente se agarrou a ela e se espalhou (SANTOS, 2021, p. 107).

Por outro lado, a narrativa amadiana apresenta outra face dessa mulher heroína que se contrapõe à mulher combativa que não aceita desaforos de ninguém e que carrega punhal no peito, navalha na saia e traz em seu vestido a flor (uma rosa palmeirão). Surge uma mulher doce que almeja ser mãe mesmo sabendo ser impossível esse desejo ser realizado pelas vias biológicas porque já estava com a idade avançada.

Assim, diante de Guma, protagonista do romance, ela deixa as lágrimas caírem sobre os símbolos de sua coragem e valentia (punhal e navalha) e fala no ouvido dele:

— Você vai rir de mim, me achar boba... Sabe o que eu queria ter?
— O que era?
Ela ficou olhando as águas do rio. Quis sorrir, ficou encabulada:
— Te juro que queria muito ter um filho, um filhinho para eu tomar conta e criar ele... Não ria não...
E não teve vergonha das lágrimas que rolaram sobre o punhal do peito, a navalha da saia.
(AMADO, 2012, p. 60).

Dessa maneira, a partir dos estudos de Ponce e Godoy (2014), identificamos que ela é bela, sedutora e aguerrida assim como uma das características de sua mãe lemanjá: a lemanjá Ogunté, jovem e guerreira, “variante da velha e maternal lemanjá Sabá” (PRANDI, 2001, p. 24). Não podemos deixar de mencionar que o narrador de *Mar Morto* (1936) comenta que essa personagem complexa é filha de lemanjá há vinte anos. Nesse sentido inferimos que elas possuem semelhanças que vão além da beleza, haja vista que, a correlação entre lemanjá Ogunté e Rosa Palmeirão é percebida quando esta era

lutadora, briguenta, uma cangaceira do cais, enfrentava qualquer briga e sabia amar um homem como ninguém. Enquanto amante de Guma, algumas vezes o tratava como um filho, e mais tarde, sentindo-se velha para o amor, despede-se de Guma dizendo que um dia voltará para ser a avó dos seus filhos, tornando-se, portanto, sua mãe. Em Rosa Palmeirão, Guma tem a mãe-amante, a lemanjá guerreira, a lemanjá de espada em punho, desafiando os homens e vencendo-os conforme um outro mito lorubano (ADOLFO, 2000, p. 4).

Assim, pelo fato de respeitar e incorporar particularidades da cultura afro-brasileira evocando características do mito afrodescendente, percebemos que a narrativa de Amado foge da visão, segundo Ponce e Godoy, de ter personagens folclóricas e estereotipadas. Dados que se contrapõem às afirmações pautadas nas teorias de Carvalho e nos permite inferir que as performances e as características físicas do corpo de Rosa Palmeirão podem ter sido exaltadas por meio de estereótipos.

Fato que nos direciona ao mito da mulher demônio que se cai sobre a mulher transgressora, sedutora e de liberdade sexual ativa como a Lilith judaica “descrita como uma prostituta que fornicava com homens” (KOLTUV, 2017, p. 67-68) e a entidade genuinamente brasileira denominada de Pombagira mencionada

no oitavo parágrafo. Esse mito se desemboca na imagem de Rosa Palmeirão, uma vez que, mesmo sendo taxada de “mulher-homem”, ela conserva a imagem de uma mulher sedutora porque é provedora de um “corpo bem feito. [...] [Cujas] nádegas grandes oscilavam como a proa de um saveiro” (AMADO, 2012, p. 55).

A partir das teorias de Carvalho, inferimos que Rosa Palmeirão assim como a negra Doroteia da narrativa *Tenda dos Milagres* (1969), de Jorge Amado, traz os estereótipos sexuais de sedução duas vezes pelo fato de ser mulher e negra com acréscimo de estereótipos de gênero e etnia. Em seu processo de representação a construção da imagem da mulher e do negro se relaciona à negatividade imposta diretamente à sexualidade, visto que, esse processo na mulher é duplo porque acumula a estereotipia de ser mulher, o sexo insaciável que suga os desejos e fraquezas masculinas e a mulher que é mãe, isto é, um mistério da vida que une pecado do sexo e da vida pervertida.

No romance em questão, a personagem principal deste texto, além de ser estigmatizada como “mulher-homem”, é considerada, também, uma mulher subversiva, sedutora, atraente, perigosa e rebelde. Desse modo, herdou estes estereótipos do pecado original. Sendo então, associada ao mito da “mulher-demônio” por ter um corpo sensual e uma sexualidade aflorada, além de quebrar padrões culturais e sociais, enraizados na sociedade de ontem e de hoje, como a entidade Pombagira que traz em si o arquétipo da deusa mitológica Lilith,

[uma sedutora] chamada de a Fêmea Impura e, embora não tenha mãos e pés para a cópula, pois os pés da serpente foram cortados quando Deus a castigou por seduzir Eva, mesmo assim, em seus adornos, a Fêmea dá a impressão de ter mãos e pés. Os cabalistas dizem que é através do mistério de seus adornos que ela pode seduzir os homens. Lilith deixa Samael, o marido de sua juventude, e desce à Terra. Ali, fornicava com homens que dormem sozinhos e faz

com que, em seus sonhos, tenham impuras e espontâneas poluições noturnas (KOLTUV, 2017, p. 67-68).

Diante destas colocações, acreditamos nas teorias de que a igreja cristã associou a imagem das mulheres, principalmente das mulheres pretas, à figura do demônio. Haja vista que é possível constatar que esta instituição cristã teve dificuldades em discutir assuntos que perpassam por questões de caráter sexual tanto dos homens quanto das mulheres, particularmente dessas últimas livre do pecado, do pudor, do preconceito e da imoralidade.

Isto mostra o quanto o patriarcado cristão exercia o poder sobre a mulher. Fato que permite estabelecer uma correlação entre a figura do demônio com a imagem da mulher, especialmente da mulher preta. Algo que reforça o preconceito e fortalece a discriminação étnica que de certa maneira diminui as possibilidades de a mulher ter os mesmos direitos que o homem.

Esses fatos são importantes para a construção da identidade feminina ser amplamente perpassada por estereótipos (CARVALHO, 2013). A exemplo da personagem foco deste artigo que é taxada de “mulher-homem” só porque utilizou navalha na saia e punhal no peito e chamada de “mulher-demônio” simplesmente pelo fato de suas nádegas serem comparadas à proa do saveiro e por ter a liberdade de ir e vir como qualquer cidadão desse planeta. Essas comparações absurdas denigrem a sua imagem e a impedem de atuar no meio da sociedade em que vive.

Entendemos que o romance de Amado possui erotismo e sensualidade feminina aflorados conforme é percebido nas atitudes performáticas da personagem Rosa Palmeirão. Uma personagem-mulher retratada pela escrita de um autor masculino que dá a ela muita garra, valentia e força. Atributos que a colocam no patamar de uma heroína, isto é, uma guerreira que apresenta a essência da própria natureza humana denominada de: Lilith-

Pombagira, julgadas pela comunidade patriarcal cristã como a parte sombria, negativa e renegada da Grande Deusa.

CONSIDERAÇÕES BREVES

A personagem Rosa Palmeirão é uma mulher sonhadora como qualquer ser humano deste planeta. Devido grandes obstáculos que aconteceram em seu cotidiano ela teve que se “transformar” em um ser humano ativo, forte e altivo. Fato que lhe rendeu possíveis atributos pejorativos por carregar em seu corpo algumas armas materiais para se defender de sujeitos que a assediavam.

Os atributos de seu corpo, para esses sujeitos, foram motivos de ela ser taxada pejorativamente de “mulher demônio” — simplesmente por chamar a atenção deles por onde passava — assim como as deusas Lilith e a sua ressignificação denominada de Pombagira.

Diante dos dados apresentados, parece-nos que os versos do *Acalanto de Rosa Palmeirão* fizeram a sua imagem ser estereotipada pelo fato de trazer um tom cômico no texto de seu ABC. Contudo, pelo motivo de suas narrativas terem sido escritas por um autor masculino que criou um personagem griot/griô para versar sua história, também, pode ser um dos motivos de sua imagem ter sido estigmatizada. Aqui deixamos essas provocações para que possam ser investigadas de uma maneira mais profunda em trabalhos futuros que venham valorizar, respeitar e visibilizar o ser feminino.

REFERÊNCIAS

ADOLFO, Sérgio Paulo. *A contribuição iorubana na ficção de Jorge Amado. Mar Morto: o mito recriado*. X Congresso Internacional da ALADAA, 2000, Rio de Janeiro. Anais do X

Congresso Internacional da ALAADA – Cultura, poder e tecnologia: África e Ásia face à globalização. Rio de Janeiro, p. 1-9, 2000. Disponível em: <https://aladaainternacional.com/a-contribuicao-iorubana-na-ficcao-de-jorge-amado-mar-morto-mito-recriado/>. Acesso em: 16 jul. 2022.

AMADO, Jorge. *Mar Morto*. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

BRANDÃO, Ana Paula (Org.) *Saberes e fazeres. vol.3. Modos de interagir*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

CÂMARA, Ricardo Pieretti. Oralidade e escrita na obra de Jorge Amado. In: D'ANGELO, Biagio; SILVA, Márcia Rios da. *Cacau, vozes e orixás na escrita de Jorge Amado*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. 4. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.

CARVALHO, Sueleny Ribeiro. *A Identidade na Fronteira Deslizante dos Estereótipos*. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

CARVALHO, Sueleny Ribeiro. De Lilith à Pombagira: a personagem negra e o exu feminino no romance de Jorge Amado. *Letras em Revista*, Teresina, v. 8, n. 02, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/154>. Acesso em: 16 jul. 2022.

CASTRO, Janio Roque Barros de. Paisagens e visões míticas, questões de gênero e a cidade no romance “Mar Morto”, de Jorge Amado. *Geograficidade*, v. 5, n. 2, Inverno, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12943>. Acesso em: 21 jul. 2022.

COSTA, Edil Silva. *Licenciatura em letras: Língua Portuguesa e Literaturas-Literatura oral e popular*. Salvador: EDUNEB, 2014.

CUMINO, Alexandre. *Pombagira, a deusa: mulher igual você*. São Paulo: Madras, 2019.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. Trad. Helder Godinho. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

KOLTUV, Barbara Black. *O livro de Lilith: o resgate do lado sombrio do feminino universal*. São Paulo: Cultrix, 2017.

MATOS, Edilene. *Literatura de cordel: A escuta de uma voz poética*. Habitus, Goiânia, v.5, n.1, p. 149-167, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/382>. Acesso em: 19 jul. 2022.

PEREIRA, Aurea da Silva. Saberes de si e empoderamento feminino. In: MONTEIRO, Filomena Maria de A.; SOUZA, Rodrigo Matos de; BERKENBROCK-ROSITO, Margarete May. (Org.). *Diversidades, redes de sociabilidade e histórias de vida: outros modos de narrar*. Curitiba: CRV, 2018.

PONCE, Eduardo de Souza; DE GODOY, Maria Carolina. A cultura afro-brasileira na construção de personagens de Mar Morto e Ponciá Vicêncio. *Signótica*, v. 26, n. 1, p. 193-215, 12 nov. 2014.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

SANTOS, José Benedito Dos. Recriação do Mito de Iemanjá e Orungã: Uma Leitura do Romance Mar Morto, de Jorge Amado. *Revista Decifrar Manaus/AM* Vol. 01, nº 01 (Jan/Jun-2013)

SANTOS, Marcelo Barbosa dos. *Uma leitura arquetípica do feminino em Mar Morto, de Jorge Amado: o sagrado e o humano, com foco nas personagens Iemanjá e Rosa Palmeirão*. 2021. 147 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Nacional, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/2808>. Acesso em: 1 jun. 2022.

SOUZA, Chaline. *Deixa a pombagira trabalhar! Nas encruzilhadas, caminhos e descaminhos de gênero*. Florianópolis: Fogo, 2019. Disponível em: <http://www.fogoeditorial.com.br>. Acesso em: 15 jul. 2022.